

## UTILIZAÇÃO DA AROEIRA PARA O TRATAMENTO DE VULVOVAGINITES

Thayane Christina Isidro Silva<sup>1</sup>; Maria Helloysa Herculano Pereira de Oliveira Araújo<sup>2</sup>; Mércia Maria Batista da Silva<sup>3</sup>; Thaíse Alves Bezerra<sup>4</sup>

<sup>1,2,3</sup> Graduadas de enfermagem pela Faculdade Maurício de Nassau Campus Campina Grande, thayaneisidro@outlook.com, [mh.herculano@gmail.com](mailto:mh.herculano@gmail.com), mercia\_batista@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientadora. Faculdade Maurício de Nassau, thaisenassau@gmail.com.

### INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, as plantas são utilizadas com a finalidade medicinal, para promover o autocuidado e combater doenças. Essa prática é constante na população brasileira mediante uma combinação entre a biodiversidade e riqueza de conhecimentos tradicionais (BRASIL, 2012).

Acerca desse tema, a Organização Mundial de Saúde, em 2000, estimou que cerca de 80% da população mundial já fez uso de algum tipo de erva na busca do alívio de enfermidades. Corroborando com essa afirmativa Ostrosky et al. (2008) afirmam que a fitoterapia representa uma técnica mais acessível, além de ser menos tóxica e possibilitar a redução da medicalização excessiva.

A fitoterapia é uma “terapêutica caracterizada pelo uso de plantas medicinais em suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de substâncias ativas isoladas, ainda que de origem vegetal (BRASIL, 2016).

Desta forma, só tem aumentado o interesse em fortalecer a fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS), sendo elaborados diversos documentos que regulamentam o uso profilático, paliativo e terapêutico das plantas medicinais, entre eles: i) A Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que possui como objetivo garantir à população brasileira o acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional (BRASIL, 2016) e o ii) Caderno de Atenção Básica número 31 que discorre sobre uso de plantas medicinais, fitoterapia e práticas integrativas e complementares na Atenção Básica (BRASIL, 2012).

O Brasil possui diversas regiões em abundância de espécies medicinais, no semiárido nordestino a vegetação predominante é um complexo conjunto de várias fisionomias genericamente denominado da caatinga (RIBEIRO et al., 2014). Esse bioma abrange os estados da Bahia, Sergipe,

Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Minas Gerais (ALMEIDA, 2011).

Entre as diversas espécies da Caatinga, várias plantas são notoriamente consideradas como medicamentosas de uso popular, entre elas, destacam-se a aroeira, cujas principais espécies com fins medicinais são: *Schinus terebinthifolius Raddi* e *Myracrodruon urundeuva Allemão*, que possuem atividade antiinflamatória, analgésica, antioxidante, antifúngica e antibacteriana, sendo indicada para o tratamento de infecções genitais, como cervicites, corrimentos vaginais e lesões benignas do colo do útero (AMORIM et al., 2003; SILVIA et al., 2003). Entretanto, o uso indiscriminado de plantas com ação antifúngicas e antibacteriana pode resultar em resistência microbiana (PINHO et. al., 2012).

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo identificar na literatura científica a utilização *Schinus terebinthifolius Raddi* e *Myracrodruon urundeuva Allemão* no tratamento de infecções no trato genital feminino.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão da literatura com abordagem descritiva cuja busca foi efetuada na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) no mês de agosto de 2017. Para o levantamento dos estudos utilizou-se os seguintes descritores em ciências da saúde: aroeira e infecção, conectados pelo booleano “AND”. Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: estudos com texto disponibilizado na íntegra, em português, publicados entre 2000 e 2017, que abordassem uso da *Schinus terebinthifolius Raddi* e *Myracrodruon urundeuva Allemão* no tratamento de vulvovaginites. Inicialmente foram localizados 35 artigos, entretanto apenas 05 atendiam a todos os critérios propostos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dos estudos selecionados 40% citaram a *Schinus terebinthifolius Raddi* e 60% mencionaram a *Myracrodruon urundeuva Allemão*, enfatizando a sua utilização para combater vulvovaginites.

Acerca desse tema Amorim et al., (2003) discorre sobre ação antimicrobiana da *Schinus terebinthifolius Raddi*, mostrando a eficácia do gel de aroeira no tratamento de vaginose bacteriana, uma vez que, não foi relatado efeitos colaterais importantes e os achados colpocitológicos

evidenciaram que a flora vaginal endógena não foi prejudicada, existindo maior frequência de bacilos de Dorderlein, além de reduzir a população anaeróbicas de bactérias.

Ademais, o levantamento bibliográfico revelou que a *Schinus terebinthifolilus Raddi*, possui ação antifúngica, sendo mostrado no estudo de Freire et. al. (2011) que a tintura da aroeira ocasionou inibição do crescimento da *Candida albicans*, *C. tropicalis* e *C. krusei*, em que está última foi a mais susceptível a preparação.

Em relação ao uso da *Myracrodruon Urundeuva Allemão* é ressaltado que os cremes vaginais de aroeira foram prescritos por médicos, com indicação para tratar inflamações ginecológicas (SILVA et. al., 2006).

Corroborando com esse achado Lucena et. al. (2011) discutem que o fitoterápico a base de aroeira, preparado sob forma de garrafada e banho de acento, utilizando as cascas e as folhas da planta, obteve indicação para inflamação vaginal e de útero, entretanto diferente do estudo de Silva et. al. (2006) essa pesquisa avaliou os saberes populares sobre o conhecimento do uso da aroeira.

A aplicação popular da *Myracrodruon Urundeuva Allemão*, ou seja, a baseada no conhecimento empírico, também é avaliada por Pereira et. al. (2014) que entrevistou agricultores cearenses, evidenciando que os cremes vaginais, tinturas e extratos de aroeira são utilizados como cicatrizantes, para tratamento de infecções tanto bacterianas como fúngicas, combatendo prurido vaginal. Também foi relatado que o sabonete composto por aroeira, usado para higiene íntima, previne vulvovaginites.

**Quadro 1:** Informações gerais dos estudos selecionados.

<b>Título</b>	<b>Autoria e ano</b>	<b>Objetivo principal</b>	<b>Espécie de aroeira citada</b>	<b>Aspectos sobre o uso da aroeira em infecções genitais</b>
Uso da aroeira do sertão pelos agricultores no tratamento de doenças	PEREIRA et. al., 2014	Levantar os principais usos fitoterápicos e os benefícios da aroeira do sertão entre os agricultores de uma cidade do interior do Ceará.	<i>Myracrodruon urundeuva Allemão</i>	Foram identificados os seguintes usos da aroeira para tratar infecções genitais: sabonetes como cicatrizantes, os cozimentos para banho de acento e creme vaginal contra pruridos.
Atividade antifúngica de <i>Schinus terebinthifolilus</i> (aroeira) sobre cepas do gênero cândida	FREIRE et al., 2011	Avaliar a atividade antifúngica da aroeira frente à <i>Candida albicans</i> , <i>C. tropicalis</i> e <i>C. krusei</i> .	<i>Schinus terebinthifolilus Raddi</i>	Todas as linhagens fúngicas avaliadas mostraram-se susceptíveis à ação da tintura da casca da Aroeira, sendo a <i>C. Krusei</i> a mais susceptível.

**Fonte:** pesquisa realizada pelas autoras, 2017.

**Quadro 1:** Informações gerais dos estudos selecionados (Continuação).

<b>Título</b>	<b>Autoria e ano</b>	<b>Objetivo principal</b>	<b>Espécie de aroeira citada</b>	<b>Aspectos sobre o uso da aroeira em infecções genitais</b>
Uso e conhecimento da aroeira ( <i>Myracrodruon Urundeuva</i> ) por comunidades tradicionais no semiárido brasileiro	LUCENA et al., 2011	Realizar busca de informações sobre o conhecimento e usos tradicionais de <i>Myracrodruon Urundeuva</i> , com o intuito de coletar informações demográficas da população de Cachoeira e Barrocas, ambos fazem parte do município de Soledade, do estado da Paraíba	<i>Myracrodruon Urundeuva Allemão</i>	O presente estudo expõe a utilização <i>Myracrodruon Urundeuva Allemão</i> para o tratamento de inflamações, sendo utilizado na forma de garrafada na comunidade de cachoeira, já na zona rural de Barrocas, foi detectado ações antiinflamatórias para tratamento de inflamações no ovário, útero e vagina, nas formas de garrafada e banho de acento.
Utilização de fitoterápicos nas unidades básicas de atenção a saúde da família no município de Maracanaú (CE)	SILVA et al., 2006	Conhecer o perfil de utilização e prescrição dos fitoterápicos desenvolvidos no município de Maracanaú	<i>Myracrodruon Urundeuva Allemão</i>	De acordo com o estudo o creme vaginal da aroeira foi prescrito por médicos para combater inflamações ginecológicas, sendo indicado uso externo.
Tratamento da vaginose bacteriana com gel vaginal de aroeira: Ensaio Clínico Randomizado	AMORI M et al., 2003	Análise e a comparação da ação antimicrobiana do gel de aroeira em relação ao placebo, para o tratamento das infecções vaginais	<i>Schinus terebinthifolius Raddi</i>	A utilização de aroeira em pacientes com vaginose bacteriana, se relacionou com maior frequência de bacilos de Döderlein, e o grupo do placebo apresentou recorrência de <i>Gardnerella vaginalis</i>

**Fonte:** pesquisa realizada pelas autoras, 2017.

## CONCLUSÕES

Considerando as publicações analisadas conclui-se que os fitoterápicos utilizando as espécies *Myracrodruon urundeuva Allemão* e *Schinus terebinthifolius Raddi* tiveram ação antifúngica e antibacteriana. Assim, esses resultados indicam que existe a possibilidade de utilizar essas formulações no tratamento de vulvovaginites. Entretanto, seu uso precisa ser avaliado por meio de

ensaios clínicos, pois a pesquisa na base de dados revelou maior predominância de artigos que apenas relatam sua aplicação com base no saber popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aroeira; Doenças do Trato Geniturinário Feminino; Fitoterápico.

## **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Mara Zélia. Plantas medicinais. 3º ed. - Salvador : EDUFBA, 2011. 221 p.
- AMORIM, M.M.R.; et.al. Tratamento da Vaginose Bacteriana com Gel Vaginal de Aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi): Ensaio Clínico Randoimizado. **RBGO**, v. 25, n. 2, p. 95-102. 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica**. Brasília:, 2012, p. 156. (Cadernos de Atenção Básica ; n. 31).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: 2016, p. 190.
- FREIRE, I. A.; et. al. Atividade antifúngica de *Schinus terebinthifolius* (Aroeira) sobre cepas do gênero *Candida*. **Rev Bras Central**, v. 20, n. 52. 2011.
- LUCENA, R. F. P.; et.al. Uso e conhecimento da aroeira (*Myracrofrun urundeuva*) por comunidades tradicionais no Semiárido brasileiro. **Sitientibus série Ciências biológicas**, v. 11, n. 2, p. 255-264. 2011.
- OMS: Organização Mundial da Saúde. Situação regulamentar dos medicamentos: uma análise mundial; 2000.
- PEREIRA, P. S.; et. al. Uso da *Myracroduon urudeuva Allemão* (aroeira do sertão) pelos agricultores no tratamento de doenças. **Rev. Cubana de Plantas Medicinais**, v. 19, n. 1, p. 51-60. 2014.
- PINHO, L.; et. al. Atividade antimicrobiana de extratos hidroalcoolicos das folhas de alecrim-pimenta, aroeira, barbatimão, erva baleeira e do farelo da casca de pequi. **Rev. Ciência Rural**, v.42, n.2, p.326-331. Fev, 2012.
- RIBEIRO, D.A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.16, n.4, p.912-930, 2014.
- SILVA, L. B. L.; et.al. Avaliação clínica preliminar de diferentes formulações de uso vaginal à base da aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi). **Rev. Bra. De Medicina**, v. 1, n. 1, p. 1-4. Nov. 2002/ Abr. 2003.
- SILVA, M. I. G.; et. al. Utilização de fitoterápicos nas unidades básicas de atenção à saúde da família no município de Maracanaú (CE). **Rev. Bra. Farmacognosia**, v. 16, n.4, p. 455-462, Out./Dez. 2006.